

É possível boicotar supermercados? Eles tentam todos os dias, mas não é fácil

[Fernando Costa](#) – 23 de março de 2023 – *Publico*

(...)

Há mais de 30 anos que os alimentos não eram tão caros

Rosa Silva, trabalhadora independente de 55 anos, costumava fazer as compras sempre no mesmo hipermercado. No final de 2022, quando a subida dos preços se tornou “um abuso”, procurou alternativas. Agora, opta por mercados locais (onde, diz, a especulação também existe) e mercearias.

“Eu sou muito básica nas compras, não me estico muito. São sempre as mesmas coisas há anos e sou fiel às mesmas marcas. Portanto, há aqui um referencial muito claro quando as coisas aumentam de uma forma absurda”, conta. A título de exemplo, refere o caso da manteiga dos Açores, que costumava usar: “Passou de 1,69 euros para 2,30.”

Nos mercados, os preços nem sempre são mais baixos. Rosa Silva costuma dirigir-se ao Mercado de São João da Madeira e já percebeu que os preços flutuam ao longo do dia. Com o contacto certo, porém, pode-se poupar: “Sei que os preços são mais caros durante o dia. Mas já encontrei, ao ir às 7h, a pessoa certa que tem produtos muito mais baratos, bons e frescos.”

Quando começou a comprar mais regularmente no minimercado da sua rua, João Mendes decidiu comparar o preço de vários produtos com os praticados numa grande cadeia de hipermercados de um grupo nacional.

A primeira diferença que encontrou foi no café. A mesma caixa de 40 cápsulas era 2,39 euros mais barata no minimercado. Mas rápido percebeu que gastava menos em muitos outros produtos. Em alguns casos, como o do gel de banho, o preço caiu para metade.

Desde que começou a comprar mais fora de supermercados, Ana Machado já reparou que gasta menos: “Este mês nem gastei o *plafond* todo do cartão de alimentação.”

Um dia antes de a Rússia invadir a Ucrânia, um cabaz com 63 alimentos essenciais custava perto de 184 euros, segundo a Deco Proteste. Hoje, está 51 euros mais caro. Em termos percentuais, os produtos cujo preço mais subiu foram a couve-coração (124%), a polpa de tomate (84%) e a cebola (80%).

Ainda que a inflação global esteja em queda há alguns meses, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), desde 1990 que a inflação em produtos alimentares não era tão alta. Os bens alimentares e as bebidas não-alcoólicas não pesavam tanto na inflação global (21,5% em Fevereiro) desde Maio de 1985.

(...)

Os preços não são a única motivação

Há 15 anos que a artesã Célia Lebreiro não faz compras em supermercados. Vegetariana, refere que, na época, os produtos que consumia eram “mais difíceis de encontrar” em grandes comércio. Hoje, a oferta aumentou, mas Célia não quer regressar: “Escolho a qualidade em vez da quantidade.”

Agora, só vai a supermercados para ajudar a mãe nas compras. E refere que lá a mãe acaba quase sempre a gastar mais do que o que estava à espera.

Quando Stefanie Silva se afastou das grandes superfícies, não pensou num boicote. No entanto, considera que a vontade de “ter um consumo mais consciente e procurar ter cada vez menos desperdício” também pode ser vista como uma forma de protesto.

Sempre que consegue, usa o próprio quintal para produzir fruta e legumes. “Procuro privilegiar os nossos próprios alimentos, que sei de onde vêm”, confessa. A alternativa é recorrer a aplicações antidesperdício como a Too Good To Go ou a cabazes de frescos como o da Fruta Feia.

Em Portugal, há produtores que vendiam a grande superfícies que passaram a preferir vender directamente ao consumidor. Ao PÚBLICO, Firmino Cordeiro, director-geral da Associação de Jovens Agricultores de Portugal (AJAP), referiu que a aproximação entre os produtores e consumidores se deve a um “juntar de vontades”.

“O produtor sentiu que o consumidor estava a optar por outras soluções. E podemos ser mais bem atendidos, enquanto consumidores, se formos à procura de um produtor mais ou menos constante, deste ou daquele tipo de produto, e se calhar a um preço mais simpático”, refere.

João Mendes, que agora compra os legumes e a fruta no mercado semanal da Trofa, considera que no pequeno comércio há “uma humanidade que não existe no mundo maquinal dos grandes supermercados”. Sublinha “a proximidade, a interacção, o ‘pode pagar p’rá semana’ e a relação de confiança que se gera entre o cliente e o vendedor.”

E se os preços baixarem?

Ana Machado acha que uma descida nos preços a deixaria “mais à vontade para utilizar supermercados”. O que não significa que abandone as lojas mais pequenas: “Também gosto deste novo hábito de consumir mais no comércio local. Tentaria mantê-lo.”

Já João Mendes não tem intenção de voltar ao consumo de outros tempos: “Não voltarei a colocar lá [nos supermercados] toda a minha despesa. Seria atentar contra os meus interesses e perder qualidade nos produtos que consumo.”

Rosa Silva não tem certeza do que fará quando os preços baixarem. De olhos no agora, reconhece a pequena dimensão da sua mudança de consumo. Mas não vê razões para a minimizar: “É uma gota. Mas é a minha gota...”

<https://www.publico.pt/2023/03/23/p3/reportagem/possivel-boicotar-supermercados-tentam-dias-nao-facil-2042786>